



O FUTURO DA AVIAÇÃO MILITAR

Texto Tenente-General António de Jesus Bispo

Fotos USAF (United States Air Force*)

Conferência proferida no dia 20 de janeiro de 2016 no âmbito das comemorações do Centenário da Aviação Militar

Nas comemorações dos cem anos da Aviação Militar, é igualmente importante refletir sobre o futuro possível do Poder Aéreo na medida em que este se constrói a partir da experiência do passado e da constatação objetiva do presente. A retrospectiva que a Força Aérea tem vindo a efetuar com elevado brilhantismo e dignidade, constituirá certamente um contributo importante para se aquilatar do enorme salto tecnológico e de mentalidades verificado nestes últimos cem anos, e muito em particular nos últimos vinte anos, e projetar esta tendência para o futuro distante. Quando se fazem projeções sobre a caracterização do Poder Aéreo, é avisado ter em conta que o horizonte da previsão deverá ser colocado à máxima distância possível, essencialmente porque a implementação dos resultados do desenvolvimento tecnológico é por natureza demorada. Para incorporar os resultados das mudanças, a arma, que será sempre necessária em qualquer futuro, deverá ser concebida e construída como um sistema de sistemas de forma a garantir a evolução, da maneira mais consentânea com os novos requisitos, e este princípio aplica-se a qualquer nível de desenvolvimento.

O Poder Aéreo do futuro deverá ser condicionado, essencialmente, pela Estratégia e pela Tecnologia. Interessa portanto efetuar a prospeção sobre os fins que poderão ser suscetíveis de serem alcançados com as forças aéreas, e a evolução previsível das capacidades aéreas.

Desde as primeiras experiências de aplicação militar do meio aéreo, que os seus teorizadores têm vindo a lutar pela aceitação de uma estratégia aérea autónoma, no enquadramento de uma estratégia militar, objetivo que só recentemente se julga ter sido adquirido. De facto, o Poder Aéreo do presente, e por maioria de razão, o do futuro, tem capacidade para produzir efeitos estratégicos, justificando-se assim a autonomia referida.

A matéria de fundo diz respeito à futura natureza da guerra e às estratégias de influência legítimas entre atores do sistema internacional, que contemplem o uso da força em último recurso, de forma dissuasória ou efetiva. Não será necessário recorrer à eterna discussão filosófica ou moral sobre a guerra. Bastará dizer que ela é possível, embora não se considere ine-

Preparação do MQ-9 Reaper para a missão *Combat Hammer*

vitável ou determinística. No confronto de valores fundamentais e de interesses vitais é razoável admitir que a negociação possa cair numa situação de impasse e que seja necessário recorrer à força, aplicada de forma racional, para a ultrapassar. Deixemos no entanto esta discussão para outro tipo de debates.

Para o que aqui nos interessa, importa analisar apenas a evolução previsível na forma de fazer a guerra. A tendência recente tem consistido na prevalência da guerra assimétrica e irregular, mas não poderemos eliminar a possibilidade do retorno à guerra moderna, regular, sempre que se verifique uma maior equalização de poder. Entre estes dois extremos, em termos de probabilidade, poderemos colocar a guerra assimétrica, mas regular, na medida em que continuarão a existir alianças duradouras baseadas em valores civilizacionais e agentes provocadores que pretendem ajustar os seus poderes no sistema, pondo em causa esses valores.

No exercício de influência que a crise naturalmente impõe, e que surge com maior frequência do que a guerra, o emprego da força pode assumir formas diferentes das do passado. A guerra previsível deverá ter como resultado final o alcance da paz, numa convergência de valores e interesses, ainda que essa convergência seja, de certa maneira, imposta, e não a eliminação do outro como ator político, ou a anulação completa do seu poder. As estratégias aéreas convencionais de punição,



Foto USAF/Staff Sgt. Suzanne M. Jenkins

MQ-1 Predator na Base Aérea de Tallil, no Iraque

contra populações, de risco com graduação de penalização, e de negação das capacidades militares, de acordo com a classificação tradicional, estão em processo de reformulação. Isto significa que nesta nova forma pós-moderna de fazer a guerra, não são esperadas rendições incondicionais, mas negociadas, ou destruições totais das infraestruturas inimigas, ou degradações de poder sem associação a um fim determinado. Um princípio que deverá estar na base da iniciação da guerra é o da necessidade da previsão das condições de saída, isto é, quem decide pela guerra deverá antes pensar como deverá

sair dela, prever o que virá a seguir, uma vez concluída a ação de força, tanto na situação de vitória ou de derrota; este princípio condiciona naturalmente a forma de fazer a guerra.

A novidade do tempo presente, que se estima que venha a prevalecer no futuro, é a possibilidade do Poder Aéreo atacar as origens do conflito, ou as sedes do poder inimigo, ultrapassando as defesas tradicionais. A capacidade de intrusão na

prego racional do Poder Aéreo, tendo em vista o fim último da guerra que será sempre o alcance da paz.

Desde Douhet que a seleção dos alvos é considerada como a questão estratégica mais complexa, na medida em que se devam constituir como elementos críticos ou centros vitais do Inimigo. Num quadro de guerra irregular, a determinação desses centros é bastante mais complicada do que em guerra



Foto USAF/Master Sgt. Rob Trubia

Piloto de F-16 da USAF com dispositivo de visualização noturna



Foto Nuno Correia

F-16 da Força Aérea Portuguesa

profundidade do campo inimigo e o ataque às fontes do poder político são dois requisitos fundamentais. O fim último será explorar as clivagens políticas, desarticular os centros de decisão, isolar o regime, tornar inoperantes as linhas de comando, provocar interdição económica. Os alvos dos ataques serão pontuais e a sua localização estará para além do campo de batalha convencional. O centro vital prioritário deverá ser determinado pelo fim de forçar à convergência de posições, o que não significa que se tenha abandonado em definitivo o paradigma da chamada guerra industrial, agora com outra forma e finalidade. Em vez da confrontação militar direta, ou seja, assumir a batalha como prioridade, procura-se atingir a origem da guerra. Este princípio não significa um abandono da prontidão para o combate, que pode sempre surgir. O que é essencial nesta forma de fazer a guerra é a realização do ataque com sucesso, em finalidade. A guerra baseada em efeitos, com a máxima discriminação possível, é a imposição lógica desta análise. Em termos práticos haverá que definir com exatidão o que se pretende atingir, e confrontar a informação de retorno com o objetivo pretendido. Portanto, o sistema inimigo no seu conjunto será o objeto prioritário a alcançar com o Poder Aéreo, através do ataque aos seus elementos críticos que possam provocar disrupção. A possibilidade de ataque simultâneo a vários alvos criteriosamente definidos em função dos fins a atingir, numa saída singular, poderá conduzir a paralisia estratégica, um conceito novo que irá ser tido em conta no futuro. A definição dos fins não poderá ser ambígua e o enquadramento ou conjugação da arma cinética ou física com a arma informação deverão ser exigências para um em-



Foto USAF/Lt. Col. Leslie Pratt

MQ-1 Predator armado com mísseis AGM-114 Hellfire durante uma missão de combate no Afeganistão

moderna ou convencional, o que não quer dizer que seja tarefa impossível. Também neste caso concreto a paralisia estratégica será mais difícil de conseguir, porque o inimigo é fluído e sem necessidade de muitos pontos de apoio. É neste quadro pós-moderno que as forças aéreas poderão ser a arma de excelência, na medida em que a sua ação satisfaz os requisitos das sociedades pós-modernas de fraca tolerância às baixas, e de minimização de efeitos colaterais. Hoje discute-se muito, no âmbito da "sociedade de riscos", que se aceita que esteja em guerra, o desvio do esforço de segurança da

preparação para enfrentar as ameaças catastróficas de grandes consequências para a prevenção dos riscos, na medida em que se considera que estes existem realmente e de efeitos potencialmente imediatos. No entanto é preciso ter presente que, apesar de não existirem autores de ameaças ostensivamente declarados, as situações podem criá-los num prazo mais curto do que a prontidão militar para lhe fazer face. O

Foto USAF/Airman 1st Class C.C.



Briefing com a tripulação do 11th Reconnaissance Squadron da USAF antes da missão *Combat Hammer* com o MQ-9 Reaper

que é um facto é que neste mundo pós-moderno a ameaça deixou de ser frontal, por razões estratégicas, embora continue a existir enquanto existirem valores e interesses a defender. A ameaça decorre da vontade de afirmação. Fala-se com muita frequência que a forma de tratar com os riscos é através da prevenção de condições que os poderão originar e da garantia de resiliência em caso de falha desta prevenção; é preciso no entanto chamar a atenção para a dimensão deste esforço ciclópico e dos limites da sua eficácia.

Quanto ao factor Tecnologia que mencionámos, julgamos que os avanços tecnológicos já alcançados ainda não estarão totalmente incorporados nos sistemas aéreos atuais e previsto para um período próximo, o que significa que existe um crédito significativo nesta área e uma bagagem atual suficiente para alimentar os sistemas do futuro.

Em traços muito simples, é neste quadro que as forças aé-

reas irão continuar a atuar. Apesar das grandes alterações na estratégia aérea, o pressuposto da garantia de superioridade aérea ir-se-á manter. É um facto que atualmente o atacante leva vantagem sobre a defesa, em especial num quadro assimétrico, mas não é garantido que assim seja no futuro. Nestes termos não será de esperar que a investigação seja descurada quanto à relação ofensiva/defensiva; de facto, já existem ideias

Foto USAF/Staff Sgt. Leclan Buehrer



Militar da Força Aérea Norte-Americana a aguardar ligação ao sistema para realizar uma simulação de combate

para reagir ao carácter dominante da tecnologia “*stealth*”, e esta competição irá ser mais intensa.

O resultado do desenvolvimento tecnológico com maior impacto na estratégia aérea é, sem sombra de qualquer dúvida, a obtenção da precisão, em todas as suas vertentes. Foi esta realização que fez alterar a estratégia aérea. Contudo, é fundamental que o *Intelligence* acompanhe esta evolução, não só em termos puramente tecnológicos, mas também no campo do *intelligence* humano. O princípio da massa ou da concentração do esforço irá continuar a ter validade, neste contexto, mas segundo moldes completamente diferentes, na medida em que, por exemplo, uma única aeronave poderá atacar vários alvos em simultâneo, provocando efeito de cascata e paralisia estratégica no opositor. Na análise da situação que agora deverá ser muito mais exigente, o Inimigo deve ser assumido como um sistema, em que os seus elementos se podem influen-

Foto USAF/Staff Sgt. Vernon Young Jr



ciar mutuamente, criando desequilíbrios e situações de caos.

A exploração segura e eficaz do espectro eletromagnético constitui um dos avanços mais significativos do tempo presente e assim deverá ser no futuro. Esta realização permitirá colmatar algumas das vulnerabilidades do Poder Aéreo do passado e contribuir significativamente para uma guerra baseada na Rede que no momento se afigura ainda distante

qual o F-35 será o último avião de caça pilotado, levará certamente muito tempo até que esta possibilidade possa ser real, e surgirão certamente muitas dificuldades inesperadas ao longo deste percurso. É preciso no entanto lembrar que a experiência operacional dos sistemas não-tripulados tem tido lugar em ambientes de forte assimetria de forças, e que já demonstrada com resultados positivos uma nova arma de uti-

Foto USAF/Senior Airman Nadine Y. Barclay



1º Tenente piloto Jordan Smith do 11th Reconnaissance Squadron a operar o MQ-1 Predator numa missão de treino

da idealização desta nova capacidade elaborada há cerca de 15 anos. O entrosamento do aéreo com o espacial e o ciberespaço será cada vez mais estreito.

Finalmente, um tema que já é atual e que irá preencher os debates do futuro é o que se relaciona com os sistemas aéreos não-tripulados e a robotização. Os protótipos mais avançados têm demonstrado a possibilidade de execução das missões tradicionais de ataque e reconhecimento, na sua plenitude, desde a decolagem até à aterragem, em missões pré programadas e com alguma capacidade de interação com o exterior, que vai progressivamente aumentando, utilizando informação de sensores próprios e aplicações de inteligência artificial. Apesar da declaração de um oficial responsável, segundo o

Foto USAF/Staff Sgt. Vernon Young Jr



Major Bishane, piloto do MQ-9 Reaper do 432nd Aircraft Maintenance Squadron

lização individual (*manpad*) contra esses sistemas. Apesar dos avanços na computação, a flexibilidade da inteligência humana num cenário de elevada complexidade nunca poderá ser descartada, mas será certamente muito ajudada, de forma determinante, pelos desenvolvimentos tecnológicos.

O Homem estará sempre no centro das decisões fundamentais que tenham a ver com a sobrevivência e sustentação dos sistemas políticos.

Neste nosso discurso contemplámos apenas as estratégias de coerção para o estabelecimento de constrangimentos para a paz. Não referimos as estratégias de cooperação, onde o Poder Aéreo desempenha um papel relevante, no presente e no futuro. E não o referimos por ser evidente. ❏



MQ-1 Predator (à esquerda) e MQ-9 Reaper do 432nd Aircraft Maintenance Squadron, na Base Aérea de Creech